

SILMARA DO ROCIO MACHADO ALBERGUINE

**A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

SILMARA DO ROCIO MACHADO ALBERGUINE

**A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NO
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada ao Curso de Pós- Graduação –
Especialização em Educação Infantil e Anos Iniciais:
Perspectivas Contemporâneas, ofertado pelo Centro
Universitário Filadélfia - Unifil.
Orientadora: Profa. Dra. Marta Regina Furlan de Oliveira

Dedico este trabalho a minha família pelo carinho e compreensão em todos os momentos de minha vida.

AGRADECIMENTO

A minha família pelo apoio e carinho.

Aos professores do Curso que contribuíram com seus conhecimentos.

À Professora Marta Regina Furlan de Oliveira pela orientação recebida.

Aos colegas do curso pela amizade.

A todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização deste trabalho.

Aos professores que contribuíram para que este tema fosse suscitado em minha pesquisa.

“O único homem que jamais erra é aquele que não faz nada.” Eleanor Roosevelt

ALBERGUINE, Silmara do Rocio M. **A importância dos jogos e brincadeiras no desenvolvimento da criança na Educação Infantil**. Ano de 2012. 35 páginas. Trabalho de Monografia apresentado ao Curso de Especialização em Educação Infantil e Anos Iniciais: Perspectivas Contemporâneas em Pós- Graduação pela UNIFIL (Centro Universitário Filadélfia), Londrina-PR, 2012.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo estudar os pressupostos teóricos e metodológicos sobre a importância dos jogos e brincadeiras no desenvolvimento da criança na Educação Infantil. Para a realização deste trabalho a busca à literatura foi imprescindível. Saber o que os autores apontam com relação à temática sobre o desenvolvimento da criança e o processo da construção da aprendizagem oportunizou a construir a relação existente entre ensino aprendizagem e a ludicidade em favor do aprender. De acordo com os relatos históricos a Educação Infantil nasceu de um cunho assistencialista e apresentava seu olhar voltado apenas para o cuidar físico da criança, mas com o passar dos tempos houve uma mudança significativa em sua perspectiva e o cuidar ficou atrelado ao educar e hoje são indissociáveis. Com isso se faz necessário uma formação acadêmica adequada aos profissionais que ingressam para trabalhar com essa faixa etária de 0 a 5 anos de idade. Sendo a Escola uma instituição que tem como objetivo possibilitar ao educando a aquisição do conhecimento formal e propor o desenvolvimento dos processos do pensamento, o brincar na escola não é exatamente igual ao brincar em outras ocasiões, visto que a vida escolar é conduzida por algumas normas que regulam as ações das pessoas e as interações entre elas e, naturalmente, estas normas estão presentes, também, na atividade da criança. Assim sendo, as brincadeiras e os jogos têm uma especificidade quando ocorrem na escola, pois são mediadas pelas normas institucionais. A utilização do brincar como recurso pedagógico tem sido muito utilizado pelos professores principalmente na Educação Infantil a fim de produzir conhecimentos na vida cotidiana e acadêmica de seus alunos. A formação de professores voltados a essa área de ensino tem possibilitado um novo olhar para a formação e desenvolvimento da criança.

Palavras-chave: Jogos, Brincadeiras e Educação Infantil.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNIFIL	Centro Universitário Filadélfia
RCN	Referencial Curricular Nacional
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A CRIANÇA, SEU APRENDIZADO E DESENVOLVIMENTO	11
2 O BRINCAR E SUA IMPLICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA VISÃO DE VYGOTSKY	19
3 A EDUCAÇÃO INFANTIL E O TRABALHO PEDAGOGICO DOCENTE EM FAVOR DA LUDICIDADE	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS.....	34

INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasceu da necessidade de buscar na literatura, subsídios para fundamentar o trabalho realizado com jogos e brincadeiras na modalidade da Educação Infantil no Brasil.

O interesse pela temática aflorou a partir do momento em que pude observar como as escolas adotam o uso de jogos e brincadeiras em seu planejamento para trabalhar conteúdos ou para simplesmente proporcionar um momento de relaxamento aos alunos durante a rotina diária.

Sendo assim este trabalho tem por objetivo trazer ao conhecimento de quem se interessa pela temática qual a importância dos jogos e suas contribuições para o desenvolvimento infantil no contexto escolar. Além de tratar sobre a formação deste profissional da Educação Infantil e sua prática em favor da ludicidade em sala de aula.

A escola juntamente com os profissionais competentes busca oferecer um ambiente de aprendizagem e acolhedor onde às crianças possam desfrutar significativamente do processo educacional.

O trabalho de pesquisa apresentado está subdividido em três capítulos, o primeiro trata sobre “A criança, seu aprendizado e desenvolvimento”, é voltado às questões relacionadas ao tema “Como o ser humano aprende?”, tem sido campo de interesse e pesquisa de diferentes profissionais da educação que recorre às teorias ou concepções pedagógicas para fundamentar como ocorre o processo de aprendizagem humana e conseqüentemente o processo de ensino, visto que ensino e aprendizagens estão interligadas.

O segundo se refere sobre “O brincar e sua implicação para o desenvolvimento infantil, na visão de Vygotsky”. Esse capítulo é baseado na teoria de Vygotsky em que considera três teorias principais que discutem a relação entre desenvolvimento e aprendizagem no ser humano.

E o último capítulo faz referência a Educação Infantil e o trabalho pedagógico docente em favor da ludicidade, em que é feito um relato sobre a educação infantil e sua perspectiva com relação a sua função e a formação do profissional da educação infantil e seus desafios na atualidade.

1 A CRIANÇA, SEU APRENDIZADO E DESENVOLVIMENTO

Para iniciar este trabalho é importante buscar a definição do termo criança e infância, para compreender como ela se desenvolve e aprende em sociedade.

A palavra infância evoca um período da vida humana como os demais, tais como na adolescência, a vida adulta e a terceira idade.

O termo criança, por sua vez, indica uma realidade psicobiológica referenciada ao indivíduo.

Segundo o Dicionário, Silveira Bueno, por exemplo, criança é um ser humano de pouca idade, no mesmo dicionário, a infância está definida como um período de crescimento, no ser humano, que vai do nascimento até a puberdade.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) define a criança como sendo uma pessoa até os 12 anos de idade incompletos. Desse modo, o significado genérico da infância está diretamente ligado às transformações sociais, culturais, econômicas, da sociedade de um determinado tempo e lugar, que possui seus próprios sistemas de classes, de idades e seus sistemas de status e de papel social.

De acordo com o RCN de 1998, a infância é tratada de forma especial demonstrando essa fase como sendo a fase das descobertas. “Brincar de fazer caretas ou de imitar bichos propicia a descoberta das possibilidades expressivas de si próprias e dos outros.” (p.31).

Para as crianças, inventa-se a infância quando decide-se deixá-las brincar, ir a escola, ser criança em contato com os outros pares.

Questões relacionadas ao tema “Como o ser humano aprende?”, tem sido campo de interesse e pesquisa de diferentes profissionais da educação que recorre às teorias ou concepções pedagógicas para fundamentar como ocorre o processo de aprendizagem humana e conseqüentemente o processo de ensino, visto que ensino e aprendizagens estão interligados.

Sacristán (1998) elaborou um trabalho em conjunto com Pérez Gómez que trata das questões sobre o aprender e o compreender e transformar o ensino escolar.

O autor trata deste assunto recorrendo à ideia de que aprendizagem

inclusive escolar é como se fosse um processo de construção por parte do aluno em que é tido “como um processo prolongado, processo de assimilação e reconstrução por parte do aluno, da cultura e do conhecimento público da comunidade social”. (GÓMEZ, 1998, p.67)

Todavia ele apresenta enfoques diferentes em sua obra para entender o ensino e conseqüentemente a aprendizagem.

O primeiro enfoque trazido por GÓMEZ P. (1998), diz respeito ao ensino como transmissão cultural, em que o homem ao longo de sua existência é capaz de produzir, conservar e acumular conhecimentos e ainda transmiti-lo a gerações futuras.

Dentro desta perspectiva o conhecimento humano tornou-se complexo e organizou-se em teorias explicativas sobre a realidade cada vez mais abstratas e rigorosas. A aprendizagem ocorre por transmissão cultural de pai para filho.

No ponto de vista tradicional, a aprendizagem segundo o autor centra-se mais nos conteúdos disciplinares do que nas habilidades ou interesses dos alunos como se pode observar em sua afirmação a seguir: “É a distinta natureza do conhecimento elaborado, que se aloja nas disciplinas, e do conhecimento incipiente que a criança desenvolve para interpretar e enfrentar os desafios de sua vida cotidiana.” (GÓMEZ, 1998, p. 68).

Com base nesta afirmação conclui-se que a criança possui um conhecimento diferente do elaborado cientificamente, e precisa ter acesso aos conteúdos das disciplinas escolares, visto que a aprendizagem ocorre no ambiente escolar por meio de conteúdos e disciplinas, inclusive na Educação Infantil o qual também tem um currículo a ser seguido.

O autor ainda apresenta em sua obra a Pedagogia da não Intervenção, ou seja, o ensino como fomento do desenvolvimento natural humano.

Este pensamento tem sua origem nos ideais defendidos por Rousseau onde o método mais adequado para garantir o crescimento e a educação é o respeito ao desenvolvimento espontâneo da criança. Segundo GÓMEZ (1998, p.69) “ao considerar que é a intervenção adulta, a influência da cultura, que distorce e ‘avilta’ o desenvolvimento natural e espontâneo do individuo”.

Com essa afirmativa é possível concluir que, a aprendizagem dentro desta perspectiva ocorre de forma espontânea de acordo com a vontade e interesse

de quem está em processo de aprendizagem.

Após a apresentação dos enfoques anterior sobre os modelos de aprendizagem Gomez (1998), apresenta o ensino como produção de mudanças conceituais, onde a aprendizagem é um processo de transformação mais do que acumulação de conteúdos.

Dentro desta perspectiva podemos falar em aprendizagem significativa que segundo ROGERS (1997), vai além da acumulação de fatos.

Por aprendizagem significativa entendo uma aprendizagem que é mais do que uma acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente em todas as parcelas de sua existência (ROGERS, 1997, p. 322).

A aquisição do conhecimento é um processo construído durante toda a vida do indivíduo e os fatores principais que influenciam no desenvolvimento e na construção do conhecimento são; a maturação biológica, principalmente do sistema nervoso, experiência proveniente da ação e do pensamento sobre os objetos, a interação social na infância principalmente com outras crianças.

A equilibração também é importante juntamente com o processo de integrar a maturação, a experiência e a interação, de modo a construir estruturas mentais ou sistemas para considerar o mundo em que a criança vive.

De acordo com a teoria de Piaget cada pessoa ao longo do seu desenvolvimento, atravessa estágio ou modalidades diferentes de inteligência. Em sua teoria ele pressupõe que o conhecimento é construído a partir da interação do sujeito com o ambiente.

Podemos dizer que o conceito central da teoria de Piaget é de que desde o nascimento, a criança está ativamente envolvida no processo de construir um entendimento das próprias ações e do mundo externo.

Ou seja: “O conceito central de Piaget de construtivismo é de que as crianças são pensadores ativos tentando sempre construir novas estratégias e entendimentos avançados e solidamente apoiados”. (BEE, 2003, p. 216).

Para Piaget é na interação onde os fatores externos e internos se

relacionam, assim o indivíduo e ambiente se influenciam e se modificam mutuamente. Por esta razão sua concepção de desenvolvimento envolve um processo contínuo de trocas entre organismo e ambiente. A respeito do conceito sobre a palavra interação SEBER (2006), explica que: “A palavra interação é composta por dois afixos, ‘inter’ e ‘ação’, o que esclarece sobre seu significado- ação da criança sobre o mundo e ação do mundo sobre a criança” (SEBER, 2006, p. 15).

O desenvolvimento é um processo espontâneo, que se apoia principalmente no biológico. Desta forma, as estruturas cognitivas serão resultado da relação entre organismo e ambiente apoiada no aparato biológico. Sendo assim, para o desenvolvimento da inteligência é necessária a maturação biológica (neurológica e sensorial) somada com a estimulação feita pelo ambiente.

A maturação segundo FALCÃO (1986), é como denominamos o processo de diferenciação estruturais e funcionais do organismo, levando em conta os padrões específicos de comportamento.

Nesta teoria o ambiente físico e social deve ser rico em estimulação, já que serão eles que auxiliarão no desenvolvimento da inteligência. Piaget faz uma distinção em sua obra entre aprendizagem e conhecimento. O que ele chama de conhecimento não se restringe ao que o meio pode fornecer ao sujeito através de suas experiências, de acordo com ele:

O conhecimento é sempre mais rico, devido à possibilidade de ações acrescentarem aos objetos elementos novos tirados das ligações entre elas, a saber, relações. Conhecer é, portanto, agir, sobre os objetos e transformá-los, encaixando-os em sistemas de classificação, seriação ou contando-os medindo-os, comparando-os (SEBER, 2006, p. 15).

O conceito de aprendizagem refere-se a situações específicas onde a criança é treinada a repetir determinadas respostas, onde:

Dependendo da fase em que ela esteja, pode haver até compreensão real do transmitido, mas se as situações de aprendizagem constituírem uma constante e se ela tiver poucas oportunidades para reorganizar o que está sendo dado, é grande a probabilidade de as mudanças de raciocínio serem momentâneas e de as generalizações serem limitadas. O que acontece quando a criança chega por si só, a partir da observação, a descobrir certos resultados é exatamente o contrário. Essa descoberta produz mudanças estruturais permanentes porque decorrem de uma diferenciação de construções anteriores sobre as quais as novas respostas se assentam, e

por que a possibilidade de generalização se amplia devido A integração dessa conquista em totalidades maiores (SEBER, 2006, p. 41).

Segundo o próprio (PIAGET, 1969, p. 37). “conhecimentos derivam da ação, não no sentido de meras respostas associativas, mas no sentido muito mais profundo da associação do real com as coordenações necessárias e gerais da ação”.

O conceito de esquema é definido como “... o que numa ação, é assim transponível, generalizável ou diferenciável de uma situação à seguinte, ou seja, o que há de comum nas diversas repetições ou aplicações da mesma ação” (PIAGET, 1976 p.16), para uma maior compreensão esquema se refere às estruturas mentais que permite ao individuo se adaptar e se organizar intelectualmente ao meio. Seria como os arquivos usados para processar e identificar estímulos de forma a organizá-los e generalizá-los.

Por exemplo, quando uma criança entra em contato com algum objeto que não conhece procura encaixá-lo em seus esquemas de acordo com suas características. Conforme o desenvolvimento se processa, os esquemas se alteram e se refinam, aumentando a capacidade da criança de diferenciação e generalização.

A Assimilação é processo em que o individuo, sem alterar suas estruturas, amplia suas ações destinadas a atribuir significações a partir de experiência anterior aos elementos do ambiente com os quais interage.

Assimilação é o processo de absorver algum evento ou experiência em algum lugar esquema... é um processo ativo... não absorvemos tudo o que experienciamos como uma esponja; nós só prestamos atenção aqueles aspectos da experiência para os quais já temos esquemas (BEE, 2003, p. 195).

A nova situação é incorporada e assimilada a um sistema já pronto. Exemplo: uma brincadeira em que a criança dá seu próprio significado a um objeto como uma folha de jornal pode equivaler a um avião ou uma bola.

À medida que, a Acomodação é processo em que o organismo se modifica para se ajustar as demandas impostas pelo ambiente.

Assim na teoria de Piaget, o processo de acomodação, é a chave para a mudança de desenvolvimental, por meio dela, nos reorganizamos nossas idéias, melhoramos nossas habilidades, mudamos nossas estratégias. (BEE, 2003, p. 196).

Os processos de assimilação e acomodação ocorrem ao mesmo tempo, mas no decorrer do desenvolvimento um processo pode se contestar ao outro. São eles que permitem a chamada adaptação intelectual.

A Equilibração dentro do construtivismo é o processo em que todo o ser vivo busca manter um estado de equilíbrio, de adaptação com seu ambiente, agindo de forma a superar as perturbações na relação que estabelece com o meio ambiente.

Com a finalidade de resolver novas situações, o organismo utiliza estruturas mentais pré-existentes ou então modifica até chegar a uma forma adequada de lidar com a situação.

De acordo com Piaget existe uma perturbação quando a repetição funcional do esquema não basta para a interação sujeito-objeto. Deste modo, para que uma situação seja considerada perturbadora, o sujeito deve assimilá-la como tal, ou seja, ter esquemas para poder compreender a perturbação como perturbação. Em outras palavras, tal noção é sempre relativa ao nível de desenvolvimento psicológico e anulá-la implica ajustamentos (acomodação) ao esquema, regulando as ações em função das características do objeto a ser assimilado. (PIAGET, 1976).

Sobre o conceito de equilibração de Piaget BEE (2003) afirma que:

Piaget supunha que a criança, está sempre lutando por coerência, visando a permanecer 'em equilíbrio', visando a chegar a um entendimento do mundo que faça sentido em sua totalidade. [...] Piaget pensava que a criança operava de maneira semelhante, criando modelos ou teorias coerentes, com certa consistência interna. Porém, já que o bebê começa com um repertório de esquema muito limitado, as primeiras estruturas que a criança cria simplesmente não são adequadas. Essas inadequação segundo Piaget, obriga a criança a fazer mudanças periódicas em sua estrutura interna. (BEE,2003, p. 196).

O conceito de Ação remete a um “fazer a um saber fazer e ao querer fazer”. É composta das dimensões cognitiva e afetiva. O desenvolvimento afetivo se dá paralelamente ao cognitivo e tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual da criança. (PIAGET, 1978).

Assim, pois, a ação é uma relação funcional entre uma organização biológica e o meio, que pressupõe uma estrutura interna e conduz a uma

estruturação do meio.

Segundo FREITAG (1993, p. 32):

Sem ação não haveria pensamento, não haveria argumentação, não haveria julgamento... em consequência, a ação e as experiências que a criança faz, os efeitos de sua ação sobre o mundo físico e as interações é que impõe uma organização interna do pensamento.

O Desenvolvimento afetivo ocorre junto ao desenvolvimento cognitivo, as características mentais de cada uma das fases do desenvolvimento serão determinantes para a construção da afetividade.

Os conceitos morais são construídos da mesma forma que os conceitos cognitivos. Nesse sentido, (MACEDO, 1996 p. 46) afirma que “primeiro a criança pratica a construção das regras, aplica-as, muda-as no grupo, cria novas... depois é que descobre que as regras não são sagradas, imutáveis, eternas”.

Assim, as crianças assimilam as experiências aos esquemas afetivos do mesmo modo que assimilam as experiências às estruturas cognitivas.

Sobre os estágios do desenvolvimento é importante ressaltar que Piaget percebeu uma relação direta entre desenvolvimento e aprendizagem, ou seja, a aprendizagem depende do nível cognitivo do sujeito.

Por isso pressupõe que o desenvolvimento ocorre em estágios, em que transformações qualitativas no modo de pensar da criança acontecem. Vale dizer que as faixas etárias dentro dos estágios não são rigorosamente demarcadas, se refere apenas a média das idades.

Os conceitos de estágios não devem ser compreendidos como níveis estáticos de desenvolvimento nitidamente demarcados; tão poucos esses conceitos pretendem transmitir a idéia de salto repentinos de um estágio para o outro. O conceito Piagetiano de estágios no desenvolvimento humano pressupõe, sem maior discussão, a existência de regulações reflexas e partem do estágio sensório motor, a este segue-se o estágio operatório concreto e conduz ao estágio final operatório forma. (FURTH, 1972, p.39).

Existe uma variação no nível de desenvolvimento cognitivo entre uma criança e outra, decorrente das diferenças biológicas de maturação e do ambiente, que tem que ser estimulador para promover esse desenvolvimento.

2 O BRINCAR E SUA IMPLICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA VISÃO DE VYGOTSKY

O pensador Liev Semiónovitch Vygotsky nasceu no ano de 1896. Viveu pouco tempo, antes de completar seus 38 anos ele faleceu acometido de tuberculose, porém ele já havia descoberto sua doença desde seus 22 anos de idade, vale lembrar que naquela época essa doença era fatal. Era formado em Psicologia, morreu a mais de 78 anos e sua obra continua a ser discutida no meio Pedagógico inclusive no Brasil.

Segundo REGO (2003), a parte mais conhecida e extensa da obra de Vygotsky trata sobre a criação da cultura e aos educadores interessa em particular os estudos sobre o desenvolvimento intelectual. Ele atribui forte importância às relações sociais no processo de aprendizagem tanto que a corrente pedagógica que se originou de seus pensamentos é “chamada de socioconstrutivista”.

Com relação ao contexto histórico de sua vida ele vivenciou diferentes momentos políticos que influenciaram em suas obras, nasceu sobre o regime dos czares russos, acompanhou os acontecimentos que proporcionou a revolução comunista do ano de 1917.

Financeiramente sua família tinha boas condições, visto que ele teve um tutor particular até entrar no ensino secundário e se dedicou desde cedo a muitas leituras, como relata sua biografia apresentada na Revista Nova Escola (2003).

Antes de falar sobre a importância do brincar na perspectiva de Vygotsky, gostaria de compartilhar sobre o conceito de aprendizagem e desenvolvimento dentro de sua teoria e para isso me utilizei de sua obra Formação social da mente (1984).

Considera três teorias principais que discutem a relação entre desenvolvimento e aprendizagem. Na primeira, o desenvolvimento é visto como um processo maturacional que ocorre antes da aprendizagem, criando condições para que esta aconteça.

Já para a segunda concepção de desenvolvimento, discutida pelo autor, ocorre simultaneamente à aprendizagem, ao invés de precedê-la, como na

teoria defendida acima.

O autor tece críticas a essas concepções, pois: A primeira centra-se no pressuposto de os processos de desenvolvimento da criança são independentes do aprendizado, ou seja, o aprendizado é considerado um processo puramente externo que não está envolvido ativamente no desenvolvimento, sendo assim ele simplesmente se utilizaria dos avanços do desenvolvimento ao invés de fornecer um impulso para modificar seu curso. “A segunda grande posição teórica é a que postula que aprendizagem é desenvolvimento,” VYGOTSKY (1984, p.103-104-105).

No entanto, apesar da similaridade entre a primeira e a segunda posição teóricas, há uma grande diferença entre seus pressupostos, quanto às relações temporais entre os processos de aprendizado e desenvolvimento.

Os teóricos que mantêm o primeiro ponto de vista afirmam que os ciclos de desenvolvimento precedem os ciclos de aprendizado; a maturação precede o aprendizado e a instrução deve seguir o crescimento mental.

Para o segundo grupo de teóricos, os dois processos ocorrem simultaneamente, aprendizado e desenvolvimento coincidem em todos os pontos, da mesma maneira que duas figuras geométricas idênticas coincidem quando superpostas VYGOTSKY (1984, p. 105-106).

O terceiro modelo teórico analisado pelo autor sugere que a aprendizagem causa desenvolvimento e vice-versa, ou seja, desenvolvimento e aprendizagem são processos independentes que se interagem mutuamente.

Para o autor, essa “posição teórica sobre a relação aprendizado e desenvolvimento tenta superar os extremos das outras duas, simplesmente combinando-as” VYGOTSKY (1984, p. 106).

No entanto, Vygotsky rejeita as três posições teóricas descritas e propõe uma nova abordagem para a compreensão dos processos de desenvolvimento e de aprendizagem, o que chamou de Zona de Desenvolvimento Proximal. Para esta questão, a ideia básica de Vygotsky é a o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

Para explicar esse conceito, ele apresenta dois outros conceitos, a Zona de Desenvolvimento Real, que é o nível de desenvolvimento que a criança já alcançou. Na outra extremidade tem o Nível de Desenvolvimento Potencial, que é aquilo que a criança ainda não se apropriou, mas que está próximo de acontecer, de se tornar real, ou seja, a aprendizagem se efetiva. Para o autor, as possibilidades de

a aprendizagem influenciar o processo de desenvolvimento mental é:

A distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1984, p. 112).

A esse respeito, o autor explica que:

A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentes em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de 'brotos' ou 'flores' do desenvolvimento. O nível de desenvolvimento mental, retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento prospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente. (VYGOTSKY, 1984, p. 113).

Para o autor, geralmente, o mediador que em nosso caso é o professor da Educação Infantil sabe que os conhecimentos da ZDP estão na eminência de acontecer porque a criança consegue se relacionar com os objetos de conhecimento e de ação, não de forma autônoma ainda, mas com intervenção e mediação de um parceiro mais experiente.

De acordo com Vygotsky o processo de desenvolvimento começa com a criança usando as mesmas formas de comportamento que outras pessoas inicialmente usaram em relação a ela.

Isto ocorre porque, desde os primeiros dias de vida, as atividades da criança adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social, retratadas através de seu ambiente humano, que a auxilia a atender seus objetivos.

Contudo VYGOTSKY (1984, p. 99), conclui que "o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual dos que a cercam".

E isso se manifesta através da demonstração ou de pistas usadas por um parceiro mais experiente, ou seja, pela internalização das prescrições adultas apresentadas na interação da criança com a pessoa mais experiente.

Primeiramente, portanto, a criança dispõe apenas de sua atividade

motora, do ato, para agir sobre o mundo, sem ter consciência da ação e dos processos nela envolvidos e somente através da interação com indivíduos mais experientes, ela vai desenvolvendo uma capacidade simbólica e reunindo-a a sua atividade prática, tornando-se mais consciente de sua própria experiência.

Isto dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata. De acordo com VYGOTSKY (1984):

As interações da criança com as pessoas de seu ambiente desenvolvem-lhe, pois, a fala interior, o pensamento reflexivo e o comportamento voluntário, ou seja, A construção do real parte, pois, do social (da interação com outros, quando a criança imita o adulto e é orientada por ele) e, paulatinamente, é internalizada pela criança. (p. 101).

Vygotsky cria um conceito para explicitar o valor da experiência social no desenvolvimento cognitivo. Segundo ele, existe uma "zona de desenvolvimento proximal", que se refere à distância entre o nível de desenvolvimento atual - determinado através da solução de problemas pela criança, sem ajuda de alguém mais experiente - e o nível potencial de desenvolvimento medido através da solução de problemas sob a orientação de adultos ou em colaboração com crianças mais experientes.

OLIVEIRA (2000, p. 26), citando Vygotsky afirma que “o desenvolvimento das crianças se dá de fora para dentro, ou seja, a criança é cópia do meio externo e as características individuais dependem da interação do ser humano com o meio físico e social”.

Então qual a importância do jogo e da brincadeira na teoria de Vygotsky?

Vygotsky considera que a criança muito pequena está limitada em suas ações pela restrição situacional, desde que a percepção que ela tem de uma situação não está separada da atividade motivacional e motora.

Todavia, na brincadeira, os objetos perdem sua força determinadora sobre o comportamento da criança, que começa a poder agir independentemente daquilo que ela vê, pois a ação, numa situação imaginária, ensina a criança a dirigir seu comportamento não somente pela percepção imediata dos objetos ou pela situação que a afeta de imediato, mas também pelo significado dessa situação. (VYGOTSKY, 1984, p. 110).

Ou seja, quando a criança começa a brincar ela tem domínio sobre o objeto e começa a agir sobre o brinquedo.

A ação da criança é regrada, então, pelas idéias, pela representação, e não pelos objetos. A brincadeira fornece um estágio de transição em direção à representação, desde que um objeto pode ser um pivô da separação entre um significado e um objeto real. (VYGOTSKY, 1984, p. 111-124).

Todavia, não é o objeto, mas a atividade da criança com ele e seus movimentos e gestos, que lhe atribui sua função de substituto adequado. A criança pode, assim, atingir uma definição funcional de conceitos ou de objetos.

O brinquedo simbólico das crianças pode ser entendido como um sistema muito complexo de 'fala' através de gestos que comunicam e indicam os significados dos objetos usados para brincar. A chave para toda a função simbólica da brincadeira infantil é, portanto, a utilização pela criança de alguns objetos como brinquedos e a possibilidade de executar com eles um gesto representativo. O brinquedo simbólico das crianças pode ser entendido como um sistema muito complexo de 'fala' através de gestos que comunicam e indicam os significados dos objetos usados para brincar. (VYGOTSKY, 1984, p. 123).

Desta maneira, “os jogos, assim como os desenhos infantis, unem os gestos e a linguagem escrita” VYGOTSKY (1984, p. 122). A possibilidade de usar objetos para representar ou escrever uma história foi investigada por Vygotsky. Sendo assim ele conclui que:

A similaridade perceptiva dos objetos não tem um papel considerável para a criança compreender a notação simbólica utilizada na brincadeira-experimento, mas sim que os objetos admitem o gesto apropriado para reproduzir o elemento original da história. (VYGOTSKY, 1984, p. 123).

Gradualmente, o objeto utilizado na brincadeira adquire segundo VYGOTSKY (1984, p. 125), “a função de signo, tomando-se independente dos gestos das crianças”. Isto explica porque Vygotsky considera a brincadeira do faz de conta uma grande contribuição para a aprendizagem da linguagem escrita pela criança.

A criança começa com uma situação imaginária, que é uma reprodução da situação real, sendo a brincadeira muito mais a lembrança de alguma coisa que realmente aconteceu, do que uma situação imaginária nova. À medida que a brincadeira se desenvolve, observamos um movimento em direção à

realização consciente do seu propósito.

Finalmente, surgem as regras, que irão possibilitar a divisão de trabalho e o jogo na idade escolar. Nesta idade, “a brincadeira não desaparece, mas permeia a atitude em relação à realidade” VYGOTSKY (1984, p. 118).

A brincadeira fornece, pois, ampla estrutura básica para mudanças da necessidade e da consciência, criando um novo tipo de atitude em relação ao real.

Nela aparece a ação na esfera imaginativa numa situação de faz de conta, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e das motivações volitivas, constituindo-se, assim, no mais alto nível de desenvolvimento pré-escolar. (VYGOTSKY, 1984, p. 117).

A brincadeira faz parte da vida da criança, seja na escola ou fora dela. Esta atividade é tanto fonte de lazer como de conhecimento. Contudo, brincar na escola é diferente de brincar em casa, na rua ou em outros lugares.

3 A EDUCAÇÃO INFANTIL E O TRABALHO PEDAGÓGICO DOCENTE EM FAVOR DA LUDICIDADE

De acordo com a literatura a pré-escola surgiu no século XVIII, com a finalidade de proteger as crianças filhas de operárias, bem como afastar as crianças pobres do trabalho servil.

A Revolução Industrial trouxe um novo modelo de família, onde a admissão de mulheres na indústria trouxe modificações com relação ao cotidiano das famílias e conseqüentemente isto provocou reivindicações em prol de um espaço educativo voltado para educação compensatória.

As mulheres nesta época precisavam de um lugar para deixar seus filhos enquanto trabalhavam, a esse respeito MENDONÇA (2006) afirma que, o surgimento da Educação Infantil foi de cunho puramente assistencialista e compensatório.

Durante o século XIX, uma nova função passa a ser atribuídas à educação de crianças pequena, mais relacionada à ideia de educação, de assistência, tendo como função compensar as deficiências das crianças, suas misérias, pobreza e negligências das famílias. (p. 282).

Com isso podemos dizer que a Educação Infantil nasceu de cunho assistencialista que envolveu na maioria de sua trajetória o atendimento as famílias pobres e vítimas de maus tratos.

A educação que a princípio era assistencialista abriu lugar a uma nova educação a Educação Infantil que surge com duas preocupações essenciais, que são voltadas para o cuidar e o educar e não tem seu olhar mais voltado para o cuidado físico apenas, mas o intelectual também, sendo assim OLIVEIRA (2002, p. 81) segue dizendo que;

A atual etapa reconhece o direito de toda a criança à infância. Trata-a como 'sujeito social' ou 'ator pedagógico' desde cedo, agente construtor de conhecimentos e sujeito de autodeterminação, ser ativo na busca do conhecimento, da fantasia e da criatividade, que possui grande capacidade cognitiva e de sociabilidade e escolhe com independência seus itinerários de desenvolvimento.

Com esse reconhecimento a criança passa a ser vista como

portadora de direitos a receber Educação e isto lhe é garantido em forma de lei, em específico na Constituição de 1988 e sendo reafirmado esse direito no ECA – Estatuto da criança e Adolescente de 1990 e na LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996.

Aprovada a Constituição de 1988, o Brasil viveu um período de discussão de uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em dezembro de 1996.

Durante esse período, na ausência de uma Lei Nacional de Educação que respondesse aos novos preceitos constitucionais, o Ministério da Educação, por meio da coordenação geral da Educação Infantil, realizou debates nacionais com o objetivo de consolidar a concepção de Educação Infantil.

E a mesma foi reconhecida como as primeiras etapas da Educação Básica como podem ser observado no Artigo 29 da LDB (1996), na seção II, do capítulo II:

Art.29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Somente no Século XX, através da Constituição de 1988 e da LDB, a Educação Infantil ganha espaço e se afirma em termos de lei.

De acordo com KRAMER (2005), a Educação Infantil nasce num contexto em que:

Os princípios do liberalismo, no plano filosófico, as profundas modificações na organização da sociedade, no plano social, e ainda, as progressivas descobertas na área do desenvolvimento infantil geram intensos questionamentos a chamada escola tradicional, no plano educacional. (p. 25).

Surgem várias metodologias e nascem os princípios básicos da escola nova destacando a valorização dos interesses e necessidades da criança, a defesa de ideias do desenvolvimento natural, e grande ênfase ao caráter lúdico na realização das atividades escolares.

Isto ocorre por dar “prioridade ao processo de aprendizagem ao

invés de calcar-se apenas nos conteúdos” KRAMER (2005, p. 25).

No Brasil as primeiras iniciativas escolares foram de caráter privado e atendiam as crianças da burguesia como afirma OLIVEIRA (2002);

A história da educação infantil em nosso país tem de certa forma, acompanhado a história dessa área no mundo, havendo é claro características que são próprias. Até meados do século XIX, o atendimento de crianças pequenas longe da mãe em instituições como creches não existia no Brasil. Como a maior parte da população vivia na zona rural, “as famílias de fazendeiros se responsabilizavam por cuidar de crianças órfãs ou abandonadas, já nas cidades estas crianças eram recolhidas nas rodas de expostos. (OLIVEIRA, 2002, p.91);

Com o término do período militar de governo no ano de 1985, surgem novas políticas para abertura de creches, como sendo não apenas responsabilidades das empresas privadas, mas também do governo e passa a ser reconhecida a educação em creches e pré-escolas.

A luta pela democratização da escola pública, somada a pressões de movimentos feministas e de movimentos sócias de lutas Poe creches, possibilitaram a conquista na Constituição de 1988, do reconhecimento da educação em creches e pré-escolas como direito da criança e um dever do Estado a ser cumprido no sistema de Ensino. (OLIVEIRA, 2002, p.115).

Com isso foi elaboradas diretrizes e criado o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil, que são compostos por três volumes.

O primeiro volume trata de uma introdução da proposta da Educação Infantil, segundo fala sobre a formação pessoal e social, identidade e autonomia da criança, e o terceiro volume retrata o conhecimento de mundo realizado pela criança.

Este documento em sua totalidade tem por objetivo nortear a prática pedagógica de quem atua nesta modalidade de ensino, que a cada dia tem se expandido e construído sua identidade.

O lúdico como recurso pedagógico tem sido muito utilizado pelos professores que acreditam que a Ludicidade pode ser um valioso recurso para trabalhar com a aprendizagem e a produção de conhecimentos.

A partir do momento em que as crianças nascem, começam aprender sobre o mundo ao seu redor, elas aprendem através de seus movimentos e pela interação com o mundo e com os outros.

Na literatura parece ser de comum acordo entre os pesquisadores do campo educacional a defesa de que os jogos, brincadeiras e o lúdico em sala de aula são indispensáveis no ato de aprender.

Parece ser consenso entre todos os autores da Educação que o jogo é indispensável no ato de aprender e ensinar de forma vivencial. Referindo-se as crianças, os autores são unânimes quando dizem que o jogo é a base epistemológica da educação. (HAETINGER, 2008, p.6).

Os jogos e brincadeiras são de extrema importância, na realização do processo educacional, pois promovem a aprendizagem informal e formal, dentro ou fora da sala de aula podendo expandir tal aprendizagem, ao processo de socialização de criatividade e de entender o mundo.

Desde os primeiros anos de vida, os jogos e brincadeiras são nossos mediadores na relação com as coisas do mundo.

Segundo Kishimoto (2002, p. 139) “a brincadeira é uma atividade que a criança começa desde seu nascimento no âmbito familiar”. Sendo assim, podemos concluir que o jogo possui aspectos fundamentais para a aprendizagem tanto racional quanto emocional.

Quando a criança vai ter seus primeiros contatos com o mundo da escolarização o brincar faz parte dos conteúdos, ou seja, a forma lúdica de apresentar conteúdos se faz permanente, mas totalmente de forma intencional a fim de que a criança possa exercer sua criatividade.

No entanto é imprescindível que “haja riqueza e diversidade nas experiências que lhes são oferecidas nas instituições, sejam elas mais voltadas às brincadeiras” RCN (1998, p. 27).

É impossível falar em trabalho pedagógico intencional na educação infantil sem falar na formação desse profissional, quem é o profissional da educação infantil responsável por planejar as aulas?

Sabemos que são professores ou educadores, e esses são profissionais formados em Pedagogia ou em curso de Magistério em nível médio, tanto presencial quanto a distancia.

Porém a formação do profissional docente não se constrói apenas por acúmulos de cursos, de conhecimento ou técnicas, mas vai além, ocorre por meio “de um trabalho de reflexibilidade crítica sobre as praticas e de reconstrução

permanente de uma identidade pessoal”. BALTAZAR E MORETTI (2009, p.76).

Quem se forma nestas áreas de conhecimento provavelmente segue a carreira de docente, que na verdade é uma profissão e a constituição dessa profissão é voltada a ideia de educação.

Cada professor trás dentro de si suas crenças e conceito de educação para sua pratica pedagógica e este processo que efetiva nas sociedades humanas, pois todos têm que nos integrar a um grupo para ser considerado um ser humano.

De acordo com COSTA (1995, p. 63).

A constituição da profissão docente está relacionada à ideia de educação como um processo que se efetiva nas sociedades humanas para que os indivíduos empreendam tanto sua trajetória pessoal quanto sua participação no projeto coletivo das sociedades. Integrar-se em um grupo, assumir sua cultura é tarefa primordial do ser humano.

A educação é um elo de formação humana em que os homens a utilizam a fim de assumir a cultura por eles criada, bem como implantar regras de convívio social.

E a educação se faz presente desde o nascimento da criança, perpassando os bancos escolares desde a Educação Infantil.

A profissão de docente tem enfrentado grandes desafios na chamada sociedade globalizada dentre os tais podemos mencionar: “O novo quadro social: a realidade da desregulamentação social e econômica, as ideias e as praticas neoliberais, a tão falada globalização ou mundialização, os indicadores de desempenho para medir a qualidade educativa”. IMBERNÓN (2011, p. 38), no entanto o professor deve ser capaz de promover ao seu aluno um ensino de qualidade de forma que ele se aproprie dos conhecimentos historicamente acumulado.

Sabemos que os alunos que veem para escola são questionadores e tem experiências com as novas tecnologias muito mais cedo do que imaginamos.

Assim sendo, enquanto profissionais da educação não podemos poupar esforço para buscar metodologias que sejam significativas e atendam aos alunos, mas de todos que estão envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

E o ensino lúdico tem sido uma metodologia muito discutida e utilizada por professores da Educação infantil. Cada vez mais temos nos cursos de

formação inicial e principalmente na continuada, disciplinas voltas aos jogos e brincadeiras para o desenvolvimento infantil.

Isso nos mostra que a utilização do lúdico como recurso pedagógico na sala de aula pode se apresentar como um caminho possível para ir ao encontro da formação integral das crianças e do atendimento de suas necessidades.

Quando se pensa em atividades significativas que respondam as necessidades das crianças estamos valorizando o acesso aos conhecimentos de mundo pela criança.

A educação é um processo historicamente construído e o professor possui um papel importante como sendo um profissional que estimula o educando a buscar sua identidade e a atuar de forma crítica e reflexiva na sociedade.

Os enfoques que se têm hoje são dados aos jogos infantis como servindo de instrumento em sua prática como recurso pedagógico para promover a aprendizagem e o desenvolvimento infantil.

Como afirma KISHIMOTO (1997, p. 37),

O jogo é um instrumento pedagógico muito significativo. No contexto cultural e biológico é uma atividade livre, alegre que engloba uma significação. É de grande valor social, oferecendo inúmeras possibilidades educacionais, pois favorece o desenvolvimento corporal, estimula a vida psíquica e a inteligência, contribui para a adaptação ao grupo, preparando a criança para viver em sociedade, participando e questionando os pressupostos das relações sociais tais como estão postos.

Quando propomos um jogo, além dos objetivos cognitivos a serem alcançados, esperamos que as crianças possam ser capazes de respeitar limites, socializar, criar e explorar a criatividade, interagir e aprender.

Brincar e jogar não são passatempos, trata-se de atividades fundamentais para a construção do conhecimento sobre o mundo, com elas, os pequenos aprendizes aprendem a estar com os outros e consigo mesmo.

Desse modo, a possibilidade de compartilhar com o outro as experiências lúdicas significativas proporciona a criança um senso de pertencimento, de acolhimento e aceitação.

Uma vez que o papel do educador está em:

Participar dinamicamente de modo corporal, utilizar a verbalização nos

momentos oportunos e estar de corpo e alma animando a atividade lúdica espontânea, duas posturas básicas são importantes para que ele possa compreender melhor a atitude situar como companheiro de jogo das crianças: a observação e a espera, sua primeira atitude é a de espera. Uma espera atenta e ativa, pautada na observação das condutas e manifestações, no respeito e na aceitação da forma de ser do sujeito. (SILVA, 2007, p.52).

Ser parceiro de jogo das crianças supõe, portanto uma mudança radical na atitude do professor recolocando o educador no lugar daquele que sabe muito pouco sobre o outro que está diante de si, e que, portanto, necessita estudá-lo antes de agir.

Para ser eficiente, a ação pedagógica, exige do educador o conhecimento e honestidade nas escolhas que estabelece em seu planejamento.

De acordo com RAU (2007, p. 90), “A alfabetização como processo de ensino e aprendizagem pode ser organizada de modo que a leitura e a escrita sejam desenvolvidas por meio de uma linguagem real, significativa e vivenciadas”, ou seja, o professor tem o poder de decidir como será redimensionada toda a prática pedagógica em relação ao aluno e sua práxis.

Cabe ao educador a difícil tarefa de não ser mero transmissor de conteúdos, mas alguém que qualifica sua ação, desenvolvendo o significado de cada exercício de sua prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho me levou a pesquisar sobre o brincar e a importância do ensino lúdico dentro da modalidade da Educação Infantil. O comportamento de brincar é complexo e tem sido estudado por diferentes autores como Piaget e Vygotsky e pude observar que há uma importante relação entre o brincar e o desenvolvimento infantil, pois o brincar faz com que a criança demonstre seus conhecimentos de forma tal que, quem a observa brincar pode vislumbrar o modo como ela vê o mundo, um exemplo que posso citar é as brincadeiras em que as crianças brincam entre os pares de casinha momento este em que demonstram como veem os papéis sociais.

A produção de conhecimento acerca da brincadeira é importante e se faz necessária para que os profissionais que estão envolvidos com essa faixa etária da educação infantil possa estimular esse comportamento e pode propiciar um ambiente em que o brincar seja feito de forma enriquecedora.

Quanto mais permitir que o aluno faça uso de sua experiência direta, com seu objeto de estudo, tanto melhor aprenderá a aprender, quanto mais possa participar da organização e da coletividade escolar, mais poderá enfrentar a solução de problemas em relação à tomada de decisões e a colaboração com os outros e o brincar proporciona isso para a criança.

Não permitir que a criança brinque é como tirar suas possibilidades de interação com a cultura lúdica, o brincar tem que ser intencional e até o brincar livre tem uma intenção, pois o brincar livre representa possibilidades de um encontro da criança consigo mesmo, com o outro e com o meio social em que ela habita.

O brincar na escola com certeza pode ser um instrumento a favor do professor para trabalhar com os conteúdos de forma lúdica em que a criança assimila com maior facilidade o que a ela é ensinado.

Um exemplo está em fazer uso da música para tratar de conteúdos conceituais e hábitos de bom comportamento.

A formação do profissional da educação infantil é indispensável, podem existir pessoas que ainda pensam que são apenas crianças e não tem necessidades de muito estudo, porém quanto mais é preparado este profissional com a teoria e com a prática melhor é sua atuação.

Quem tem conhecimento tem maiores possibilidades de escolher caminhos novos a ser trilhado, principalmente na área educacional em que pesquisas precisam ser cada vez mais realizadas, pois a cada momento temos novidades e o mundo tem evoluído de forma rápida o que exige um novo olhar do profissional da educação para o melhorar o processo educacional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069**, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BALTAZAR, José Antonio e MORETTI, Lucia Helena Tiosso. **Desvelando características do fazer docente o bom e o mau professor**. In: Formação de professores: conceitos filosóficos e práticas./ organizadores Karina, de Toledo Araujo, Rovilson José da Silva, Marta Regina Furlan de Oliveira. – Londrina: EdUnifil, 2009.

BUENO. Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. Edição para o Ens. Fundamental. –São Paulo: FTD, 2000.

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese – 9ª Edição. Porto Alegre: Artmed. 2003.

COSTA, Marisa Cristina Vorraber. **Trabalho docente e profissionalismo**. - Porto Alegre: Sulina, 1995.

FALCÃO, Géron Marinho. **Psicologia da aprendizagem**. 3ª edição. São Paulo; Ática, 1986.

FREITAG, Bárbara; Texto: **Aspectos Filosóficos e sócio-antropológicos do Construtivismo pós- piagetiano** in: Construtivismo pós-piagetiano: Um novo paradigma sobre aprendizagem / Esther Pillar Grossi e Jussara Bordin, (Org.). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993. 8ª edição.

FURTH, G. Hans. **Piaget na sala de aula**. Editora Forense. Rio de Janeiro: Tradução: Donaldson M. Garschagen. 1972.

GÓMEZ, Perez A. I. **Ensino para compreensão**. In: Sacristán. J. Gimeno. Compreender e transformar o ensino. Tradução: Ernani F. da Fonseca Rosa- 4ª edição. – Artmed, 1998.

HAETINGER, Max Gunther. **Jogos recreação e lazer**. 2ª edição. – Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. – 9. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, e brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1997.

_____ (2002). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira-Thomson Learning. 2002.

KRAMER, Sonia. **Com a Pré- escola nas mãos: uma alternativa curricular para a Educação Infantil**. São Paulo. Editora: Ática, 2005.

LDB – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei 9394 de 23 de dezembro de 1996.

MENDONÇA, Ida Regina Moro Milléo de. **Educação Infantil**. In: Módulo IV, Curso Normal/IESDE Brasil S.A., 2006. Curitiba:

OLIVEIRA, Vera B. **O brincar de 0 a 6 anos**. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo. Cortez 2002.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Cinco Estudos de Educação moral** / Jean Piaget..et al ; organizador Lino de Macedo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996 – (Coleção psicologia e educação).

_____. **A equilibrção das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento**. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

_____. **Psicologia e Pedagogia**. 2ª edição. Tradução: Dirceu Accioly Lindoso e Rosa M. R. da Silva. Edição Forense Universitária Rio de Janeiro, 1969.

RAU, Maria Cristina Trois Dorneles. **A Ludicidade na Educação: uma atitude pedagógica** – Curitiba: Ibpex, 2007.

REGO,T.C. Revista Nova Escola - Edição Especial – Agosto de 2003. **Lev Vygotsky, o teórico do ensino como processo social**. Acesso em <http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/lev-vygotsky-teorico-423354.shtml>. Acesso em 24/04/2012.

ROGERS, C. R. **Tornar-se Pessoa**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SEBER, Maria da Glória. **Construção da inteligência pela criança**. São Paulo: Editora Scipione Ltda. 1989. Série pensamento e ação no magistério.

SILVA, Daniel Vieira da. **Ludicidade e Psicomotricidade** – Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2007.

VYGOTSKY, L.S. **Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.